

O QUE A IGREJA ORTODOXA NÃO É



por Sua Eminência Jeremias (Foundas) de Gortyna e Megalópolis (Grécia)

[Fonte / http://vidaortodoxa.blogspot.com](http://vidaortodoxa.blogspot.com)

Redação final e tradução em parte: Paulo Ferreira para ortodoxia.pt

O Estudo Correto dos Santos Pais Demonstra o Que a Igreja É

Começarei o meu discurso com os Santos Pais primeiro. Nós, os ortodoxos, temos Pais, e glorificamos o nosso Deus como "Deus dos nossos Pais". Toda a reunião (sinaxis) de adoração assim como as nossas orações pessoais, todas terminam com "Pelas orações dos nossos Santos Pais". Muitos anos se passaram desde que o "slogan" "retorno aos Pais" foi primeiramente criado; e muitos estudos e projetos patrísticos ocorreram desde então e continuam a acontecer. Entretanto, a compreensão profunda dos Pais só é alcançada por aqueles que seguem o método e modo de vida desses Santos Pais em suas vidas. E isso tem lógica: o santo compreende o Santo. Não é possível compreender as experiências e teologia dos Santos Pais através de métodos científicos, porque as suas vidas portadoras de Deus (assim como as teopatias¹ dos Santos Pais e a teologia que emana deles), transcendem os potenciais da lógica e da ciência, e por esse motivo não pertencem ao campo do estudo científico. Nem podemos interpretar os Santos Pais com a ajuda da psicologia, pois a teose, o estado existencial em que os Santos Pais viviam, não é nem física nem contra a natureza, para que a psicologia tenha relevância, mas é um estado sobrenatural do ser humano. Por isso, repetimos que um conhecimento profundo dos Pais só é alcançado por aqueles que vivem como os Santos Pais viveram e possuem vivência das experiências daquele modo de vida. São muito belas as palavras do sempre memorável professor e grande teólogo do nosso século pe. John Romanides:

"Teose (deificação ou glorificação) ou Teoria Divina (Contemplação Divina) é uma energia criada de Deus, transcendendo todos os categoremas criados, na qual apenas os cheios de graça Profetas, Apóstolos e Santos tomam parte. Apenas aqueles que passam por essa experiência que analisamos é entendido por outro tendo a mesma experiência e nunca por qualquer outra pessoa, particularmente heterodoxos ou alguém que não possui um conhecimento interior da teologia bíblico-patrística da vida mística da Igreja em Cristo" ²(1)

Mesmo assim, os heterodoxos também conduzem estudos patrísticos e de fato acreditam que podem compreender profundamente a tradição patrística e até melhor do que os que nela foram iniciados, ou seja, nós ortodoxos. Isso é causado pela percepção orgulhosa dos franco-latinos de que o intelectual pode, através de sua poderosa lógica e erudição, penetrar os meandros da tradição patrística e compreendê-la totalmente, mesmo se ele for exterior a ela. O problema é que essa arrogância dos intelectuais ocidentais também persiste em alguns círculos ortodoxos, com o resultado de não mantermos entre nós uma correta compreensão dos Pais, por não mantermos as pressuposições espirituais corretas dentro de nós, isto é, realizarmos a batalha pela limpeza do coração de suas paixões e da chegada da Graça do Espírito Santo dentro dele. Por outras palavras, realizamos estudos teológicos sem primeiro termos realizado a pressuposição patrística de limparmos os nossos corações das nossas paixões.

Os acadêmicos heterodoxos que estudam os Pais têm pressuposições gravemente errôneas nos seus estudos; são pressuposições teológicas e filosóficas estranhas à teologia bíblico-patrística dos Sínodos Ecumênicos. Por essa razão, não são capazes de realizar uma apresentação correta dos nossos Santos Pais. Não nos impressionemos nem um pouco pelos

¹ (*) *Significados de "teopatia":*

(a) a teologia inerrante e mística daqueles que alcançaram teopatia (a "visão" de Deus), que falam de sua experiência pessoal e comunhão com Deus,

(b) a teologia amante da sabedoria daqueles que não têm nenhuma experiência pessoal da teopatia, mas que humildemente aceitam as experiências e as teopatias daqueles que a atingiram, e teologizam de acordo com eles, e

(c) a teologia moderna (recém-descoberta e inovadora) de teólogos insolentes que teologizam dialeticamente, na base de seus próprios princípios filosóficos e que rejeitam as experiências dos santos.

² Pe. John Romanides no seu livro "Romans or Roman Fathers of the Church", p.52

seus estudos patrísticos porque são, repetimos, errôneos, pois estudam os Pais segundo o modo de análise do Abençoado Agostinho. O pe. Romanides nos diz:

"Quando os francos finalmente adquiriram uma certa familiaridade com os textos patrísticos helenísticos, eles submeteram a teologia patrística aos categoremata da teologia agostiniana, exatamente como fizeram no século 13 com a filosofia aristotélica. Assim vemos os trabalhos dos Pais Romanos de língua helênica traduzidos para o latim sob o prisma de Agostinho".³



Carlos Magno, Criador do Sacro Império Franco-Germânico

Não á Terminologia dos Franco-Latinos

Para começar, sinto que é necessário escrever algumas palavras sobre os franco-latinos, cuja teologia é completamente oposta à nossa; e esse é precisamente o nosso tópico aqui. O Império Romano Cristão unificado costumava ser conhecido na sua integridade sob o nome de "Romania" (=Terra dos Romanos), e estava organizado em setores ocidentais e orientais. Roma, a capital do Império, pertencia ao setor ocidental embora fosse melhor que estivesse no oriental. Por essa razão mesmo, Constantino, o Grande, transferiu a capital para a cidade de Bizâncio e renomeou-a Nova Roma. Porém, ela acabou por ser chamada pelo nome dele e ficou conhecida como "Constantinopla" (= Cidade de Constantino).

Tanto os setores ocidentais quanto orientais do Império Romano Cristão Unido (isto é, a România) tinham inimigos. Para o ocidental, que é de nosso interesse no momento, os principais inimigos eram os francos, povos bárbaros e incivilizados. Eventualmente, os francos conseguiram subjugar o setor ocidental do império e com o fim de passarem pelos

³ Mesma fonte., p. 55-56. p. 104

Também "a distinção histórica correta do Cristianismo não é entre Latinos e Gregos, mas entre Francos e Romanos, ou entre a Francocacia e a Romanidade. Todos os Pais Romanos de língua helênica e latina (com exceção de Agostinho) pertencem à Romanidade, à tradição teológica romana, que é claramente distinta da tradição teológica franco-agostiniana" (Pe. John Romanides em seu livro "Romans or Roman Fathers of the Church" p. 58 e p. 67)

verdadeiros sucessores desse Império Romano, eles se renomearam romanos; enquanto isso, os romanos, ou romíós(*), somos exclusivamente nós ortodoxos e assim deveríamos ser chamados. Por essa razão devemos garantir, com grande cuidado, que seja evitado chamarmos os francos de "romanos", ou pior, chamar sua confissão de "Igreja Católica Romana"!]

Com o objetivo de alijar completamente os romanos conquistados no setor ocidental dos seus irmãos ortodoxos no setor oriental, os francos buscaram um nome calunioso com o qual ofender os romanos orientais. Eles os chamavam de "gregos", que, naquela época significava "impostor"**. ⁴E mais tarde, os francos os chamaram de "bizantinos", enquanto os antigos e positivos nomes de "romano" e "romíós", que eram usados para se referir aos ortodoxos ocidentais e orientais respectivamente no império unido, foram usurpados pelos francos para eles mesmos e aqueles por eles subjugados. Mas depois de conquistarem o setor ocidental do império, deram conta que para ter completa soberania sobre o ocidente teriam que de alguma forma subjugar a Igreja e fazer de sua própria teologia a norma no ocidente. Mas tinham os francos uma teologia própria para dar? No século 8, os francos já tinham recebido a teologia existente do Abençoado Agostinho, o qual, como o Pe. John Romanides nos informa, e iremos provar no presente estudo, "essencialmente ignorava a teologia patrística e suas pressuposições". Os francos conseguiram, no fim subjugar a Igreja dos cristãos ortodoxos ocidentais no século 11 (1014-1046 DC) e impor sobre eles sua própria teologia agostiniana, a qual, porém, não expressa a tradição patrística.

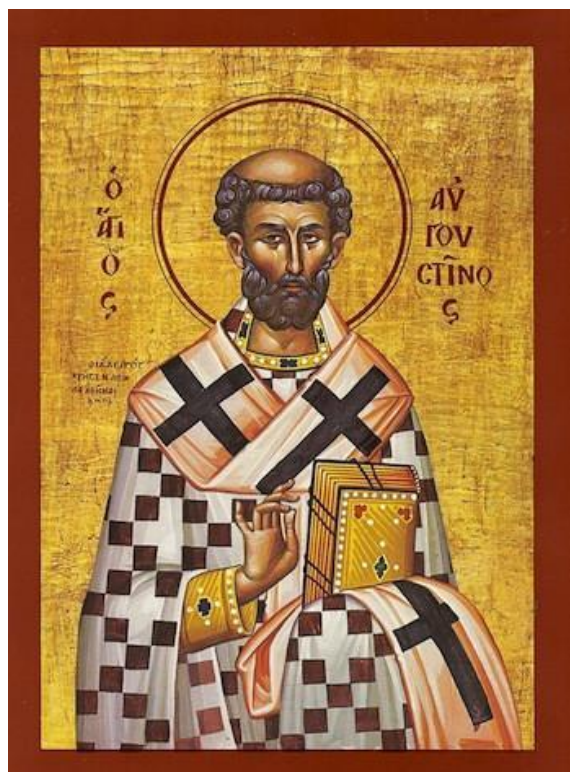
Chamaremos os hereges francos de francos: nem romanos, nem católicos, pois Católicos e Romanos somos nós, os Ortodoxos. Porque os francos receberam o latim como a sua língua teológica e eclesiástica, eles desejavam ser conhecidos como "latinos"; por essa razão os chamaremos de "franco-latinos". Mas não devemos confundir por causa disso a tradição patrística escrita em latim, com a tradição franca. Não rejeitamos os Santos Pais que escreveram em Latim, nem faremos a distinção equivocada entre Pais Latinos e Gregos. Aceitamos os Pais Ortodoxos Romíós, alguns dos quais escreveram na língua grega e outros na língua latina.

Tendo clarificado tais coisas, podemos continuar.

⁴Para esse assunto cf. o livro do Metropolita de Nafpaktos, Sua Eminência Hierotheos "Born and Raised Romans"; o livro do professor Pe. John Romanides "Romanity and Romans or Roman Fathers of the Church" p. 57 e adiante, assim como os importantes trabalhos relacionados do Professor pe. George Metallinos. Veja também o nosso artigo sobre a expressão "Igreja Católica Romana" encontrado em nosso periódico "Catequese Ortodoxa" número 01.

(*) Da palavra helénica para "romano,a" que é "rhomaíoi" (m.) ou "rhomaia (f.), também pronunciada como "rhomios" (m.) e "rhomia" (f.), depois da queda do império em 1453, os termos "romíoi" e "romanos" era usados como sinónimos entre as populações do setor oriental do império caído.

(**) Junto com o termo "heleno", durante a Idade Média, "grego", significava também "pagão", sendo portanto uma forma de descaracterização de povos cristãos. (NT)



Não á a Divisão dos Pais em Campos

A mais errónea de entre as pressuposições usadas pelos francos para estudar os Santos Pais é a de que não aceitam a unidade dos Pais, postulando que existam campos entre eles. Eles acreditam que existem diferentes teologias patrísticas e portanto diferentes tipos de espiritualidade, enquanto nós ortodoxos acreditamos na unidade dos Santos Pais e rejeitamos a ideia de que os Pais possam se deixar levar por inovações. Se alguém faz uma inovação, automaticamente não é um dos Pais.

A crença de que existem várias tradições patrísticas ortodoxas e diferentes escolas teológicas parte da tradição franco-latina ou escolástica e não se encontra nos Pais. Infelizmente, também entre os nossos teólogos ortodoxos há alguns que concordam com os franco-latinos e aceitam a existência de campos entre os Santos Pais, e até a visão de que alguns dos Pais inovaram em alguns pontos⁵. Assim, eles dividem os pais em sociais, népticos ou mesmo dogmáticos e nos falam de S. Gregório Palamas, por exemplo, dizendo que ele inovou e chamam a sua teologia de "Palamismo"; por outras palavras, como se fosse criação dele. Há aqueles, entre os franco-latinos e alguns de nós ortodoxos, que acreditando na presença de campos e na habilidade de inovar dos Pais, caracterizam a espiritualidade desse gigante entre os nossos santos como superior á até então existente tradição patrística, enquanto outros, ao contrário, a consideram inferior. De qualquer forma, ambos acreditam que seja um novo ensino e vida. A verdade, porém, é que Gregório Palamas segue em tudo a tradição patrística uniforme e una, exatamente como todos os Santos Pais fazem.

Outra coisa é que os franco-latinos não veem a unidade da Santa Bíblia com os pais, caracterizando a tradição bíblica como diferente da patrística. Igualmente, o ocidental vê uma diversidade de teologias bíblicas, exatamente como vê uma variedade de teologias patrísticas. Por essa razão, de acordo com os franco-latinos, cada escritor do Antigo e Novo Testamentos tinha sua própria teologia pessoal.

⁵ Essa ideia começou a aparecer depois da Turcocracia.

A razão pela qual nós ortodoxos vemos a unidade dos Santos Pais com a unidade da teologia patrística e bíblica é que é UNA a Graça Divina em que participam os Profetas, Apóstolos (que escreveram a Santa Bíblia) e os Santos Pais.

Citarei agora o seguinte belo trecho do Pe. John Romanides:

"Ao contrário dos franco-latinos, protestantes e outras percepções modernas da diversidade na teologia bíblica e patrística, a romanidade ortodoxa sempre encontra a unidade da teologia bíblica e patrística na identificação da teoria divina e teose dos Profetas, Apóstolos e Santos. A teologia e espiritualidade das Santas Escrituras e dos Pais é coesa, pois também o é a Graça Divina na qual participaram os Portadores de Deus, Profetas, Apóstolos e Santos. Os carismas do Espírito Santo são numerosos e o tanto que cada um comunga de tais carismas varia; mas a múltipla e indivisível, incomunicável e comunicada Graça e Reino de Cristo é una, como foi percebido pelos Theumens (portadores de Deus). Por essa mesma razão a sua teologia é una, a despeito das variações linguísticas encontradas entre os Santos.

Exatamente porque o correto entendimento da Teoria Divina alcançada pelos Theumens está ausente da teologia e hermenêutica da tradição franco-germânica agostiniana, seus herdeiros ocidentais não conseguem compreender a natureza e o caráter da identidade espiritual e teológica da Santa Bíblia e dos Pais da Igreja, assim como a unidade dos Pais entre si. Aqueles que se deixam influenciar pelo Ocidente têm um destino semelhante"⁶;

Então, para concluirmos esta seção, temos que dizer:

Aqueles que desejam realizar um estudo correto dos Santos Pais precisam de esclarecer as suas posições: Eles aceitam a unidade da Santa Bíblia com os Santos Pais e a unidade entre os Santos Pais? Caso afirmativo, então falam ortodoxamente. De acordo com o professor pe. John Romanides, quem deseja estudar os Pais deve "idealmente, de um ponto de vista teológico e espiritual, buscar um autêntico pai espiritual com o fim de ser iniciado nos mistérios da tradição ortodoxa, e depois de se por nesse caminho de iniciação, estudar a Santa Bíblia intensivamente e ao mesmo tempo estudar sua hermenêutica patrística. Assim poderá determinar empiricamente se há diferenças 1) entre os Pais e a Santa Bíblia), 2) entre os Pais e 3) entre Palamas e os Pais".⁷

O Abençoado Agostinho não é um dos Santos Pais porque ele inovou. Como geralmente se concorda, Agostinho alijou-se da Tradição patrística, sem que ele mesmo percebesse, como o pe. Romanides nota. O problema do Abençoado Agostinho é que ele nunca estudou os Pais que escreveram em grego, pois ele não conhecia a língua. Ele estava teologicamente isolado. Ele teologizava baseado apenas nas Santas Escrituras e na sua poderosa lógica, fundamentado no lema "Credo ut intelligam" (Creio para entender), que se tornou um slogan teológico dos francos, como veremos adiante. Entretanto, ele era humilde e queria concordar com os Pais ⁸; e se eles tivessem como admoestarem-no pelos seus escritos errôneos e forçado-o a se corrigir, "certamente", nos diz o pe. Romanides, ele teria aceite essas correções, já que ele mesmo declarou o desejo de concordar em tudo com os Pais de língua grega, com os quais nunca esteve em posição de negociar.

⁶ A mesma fonte p.55-56

⁷ A mesma fonte. p. 54-55

⁸ Nós ortodoxos dizemos que esse desejo de Agostinho de concordar com os Pais, apesar do facto de que devido à sua ignorância de seu ensino e devido a seu passado maniqueu, e de sua discordância deles, a sua humildade, demonstrada na sua disposição de corrigir seus erros nas ocasiões em que isso ocorreu, e acima de tudo por seu arrependimento de sua prévia vida de pecado, sendo uma das coisas que o elevam a santo na nossa Igreja. Enfatizamos, porém, que a sua teologia era errônea, a qual foi em tudo aceite pelos francos. O conflito entre a teologia patrística e a franca, ou a entre São Gregório Palamas e Barlaão são em essência o conflito entre os ensinamentos patrísticos e os agostinianos.

Fica claro, porém, que ele não estudara nem sequer Ambrósio.⁹ Santo Ambrósio, que aparece como mentor do Abençoado Agostinho, segue os Pais romanos ortodoxos de língua grega do oriente com fidelidade em tudo. Ele não inova em nada. Entre Ambrósio e Agostinho, encontramos muitas diferenças. É suficiente para nós que notemos as vastas diferenças entre os seus pontos de vista sobre a teofania no Antigo Testamento. Santo Ambrósio, seguindo a tradição uniforme e absoluta da Santa Bíblia e dos Pais, aceita que o Anjo de Deus que apareceu aos Profetas, o Anjo da Glória, o Anjo de Grande Conselho, ou o Senhor da Glória é o próprio Logos de Deus, Cristo. O Abençoado Agostinho, entretanto, chama de blasfemos todos que defendiam que o próprio Logos aparecera aos Profetas sem intermediários. Mas em nosso presente estudo, falaremos sobre outras inovações do Abençoado Agostinho.



S. Gregório Palamas, Pai da Igreja

Não ao Fim da Era Patrística

Mas também temos um outro tipo de plani (ilusão espiritual) dos Franco-Latinos sobre os Pais da Igreja; similar à que mencionamos no texto anterior, mas pior: a ilusão de que a era da teologia patrística teria acabado depois de Fócio, o Grande. O pior é que essa ideia do fim da teologia patrística encontrou chão fértil mesmo em solo ortodoxo helénico. A questão é simples e é como segue:

No início do século 9, os francos introduziram o Filioque (a tese de que o Espírito Santo procede não apenas do Pai, mas também do Filho) no Símbolo da nossa Fé, o Credo (NT). Nessa época, todos os cinco patriarcados romanos (de Roma, Nova Roma, Alexandria, Antioquia e Jerusalém) condenaram formalmente tal ensino como herético no Oitavo Concílio Ecuménico (879). Como os francos não podiam reconhecer como Pais aqueles que lutaram contra o seu Filioque, por essa razão viram-se forçados a alegar que a tradição teológica patrística terminara no século 8. Afinal de contas, os Francos já haviam condenado também o Sétimo Concílio Ecuménico (794); de modo que nem sequer aceitavam São João Damasceno como um Pai da Igreja. Mais tarde, porém, durante o século 12, sob a pressão de itálo-

⁹ A mesma fonte. p. 59

lombardos e dos romanos ocupados no sul da Itália, os francos foram forçados a finalmente aceitarem o Sétimo Concílio Ecuménico, incluindo assim São João Damasceno entre os seus Pais da Igreja. Até hoje, os ocidentais creem que o último Pai “Grego” da Igreja foi São João Damasceno.

Esse ponto de vista, ou melhor, essa heresia, sobre o suposto fim da era patrística, também foi aceite pelos russos¹⁰, com a diferença de que para eles o último pai teria sido Fócio, o Grande. Assim, os russos incluem entre os Pais da Igreja aquele que lutou contra o Filioque. O problema é que essa heresia também foi aceite por alguns gregos modernos¹¹, que falam de um antigo “período patrístico” e que não existem mais Santos Pais na nossa época.

Os francos, russos e junto com eles os gregos modernos que pensam que a era patrística terminou foram excomungados pela nossa Igreja, já que quando o Concílio de Constantinopla em 1368 proclamou Gregório Palamas não apenas como um santo da nossa Igreja, mas também um Pai, excomungando ali todos os que não o aceitam como um Pai da mesma estatura dos Pais mais antigos da Igreja. Entretanto, São Gregório Palamas viveu durante o século 13, por outras palavras, muito depois de São João Damasceno ou de São Fócio, que são considerados pelos grupos acima como os últimos Pais da Igreja.

Ou seja, através do reconhecimento conciliar de São Gregório Palamas como um Pai e da excomunhão de todos os que não o aceitam como sendo de igual status com os Pais anteriores da Igreja, a própria heresia franco-latina do fim da era patrística foi condenada como tal e os franco-latinos foram excomungados.

Apesar dos sofistas tagarelas entre os francos e os russos, nós ortodoxos, até mesmo durante esse duro e tenebroso período da Turcocracia, gerámos portadores viventes da genuína teologia e espiritualidade dos antigos Santos Pais, tais como: Nicodemos, o Hagiorita, Eugênio Vulgaris, Nicéforo Theotokis, Atanásio de Paros, Macário Notaras, Cosme da Etólia, Máximo, o Grego, Pacômio Russanus, Genádio Scholarius, Jacó Monachus, Máximo do Peloponeso, Agápio Lardus, além de muitos hierarcas e patriarcas que participaram de tantos concílios entre os séculos 17 e 19.

A plani (ilusão espiritual) de que a teologia patrística teria acabado foi combatida especificamente e no fim derrotada pelo profundo teólogo pe. Florovsky; e dessa forma, a nossa própria Ortodoxia, que fora influenciada pelos francos, foi resgatada e aceitou a teologia patrística além de Fócio, o Grande.

De qualquer forma, para que possamos confrontar com sucesso toda a questão do término da teologia patrística é necessário que estudemos bem o que a Igreja (ecclesia) é¹² e o significado da palavra “Pai”. Um argumento simples mas poderoso contra tal ideia é o seguinte: toda a época tem problemas espirituais fundamentais e crises com que lidar, aos quais a Ecclesia, através dos Pais, provê soluções; em outras palavras, sempre precisamos de Pais. Mas sempre encontramos o Espírito Santo na Ecclesia, o Qual designa esses Pais. Se alegamos que o período patrístico acabou, sabendo que sempre necessitamos da presença dos Pais, é como se estivéssemos blasfemando dizendo que o Espírito Santo não mais trabalha ou está presente na Ecclesia.

¹⁰ Ao que parece, através de Pedro Moghila (AD 1633-1646).

¹¹ O pe. John Romanides diz: “Com o estabelecimento do Primeiro Estado Helénico depois da revolução de 1821, as poderosas influências da Rússia e da Francocracia invadiram-na, especialmente através da Universidade de Atenas, com resultados desastrosos para a Romanidade, já que a hierarquia de Hellas e a liderança espiritual dos gregos modernos educaram-se sob o espírito da Francocracia (Europa Ocidental) e da Rússia (ibid. p. 75).

O padre teólogo dá, entretanto, em outra seção de seu livro, boas notícias para “hoje”: “Hoje, quando a teologia ocidental está em confusão e decadente, a teologia patrística retornou às universidades helénicas, e assim o seu espírito reina na Grécia, para grande benefício da Romanidade” (ibid. p. 80)

¹² Comparar a. O nosso periódico “Incense”, número 13

(Nota do Tradutor): Historicamente a primeira vez que os ocidentais introduziram o Filioque no Credo foi tardiamente no fim do século 6, no III Concílio de Toledo em 589, e que marcou a conversão dos Visigodos do Arianismo. Entretanto, o Concílio de Toledo foi um concílio local. A expectativa de aceitação universal do Filioque por parte dos Ocidentais, fundamentada na crença errónea (ou propaganda secessionista de Carlos Magno para legitimar seu nascente império) de que o Filioque fazia parte do Credo original e os "gregos" teriam adulterado a declaração, só se manifesta consistentemente, de facto, no século 9.

Não à Teologia Escolástica

Mas, se de acordo com os francos a era patrística terminou com São João Damasceno ou com Fócio, o Grande, o que viria em seguida? Os francos nos oferecem a sua teologia escolástica e chegando a alegar que ela superou a encerrada teologia patrística! Aqueles entre os nossos ortodoxos que aceitam o fim da tradição patrística sugerem como seu substituto estudos catequético-dogmáticos mal escritos, imitados dos francos, assim como outros trabalhos teológicos escolásticos. Entretanto, como já dissemos antes, a Ecclesia sempre teve os seus Pais, mesmo durante o período difícil da Turcocracia.

A crença de que os francos escolásticos superaram os Santos Pais tem sua principal fonte a opinião do Abençoado Agostinho de que o ensino do Filioque constitui uma solução para um problema teológico que (alegadamente) não teria sido resolvido pelos Pais do Segundo Sínodo Ecumênico.

Numa das suas conversas em 393 diante do Santo Sínodo da África a respeito do Símbolo do Segundo Sínodo Ecumênico, Agostinho relatou aos bispos a seguinte estranha e equivocada informação: que a propriedade hipostática do Espírito Santo é, diferentemente do Pai e do Filho, um problema para a Ecclesia, um problema que permanecia irresolvido no Segundo Sínodo Ecumênico. Sem ter aprendido grego, como ele mesmo nos informa noutros momentos, nem tendo estudado os trabalhos latinos do seu tempo sobre a Santíssima Trindade, ele não sabia que a questão não era um problema, muito menos algo não-resolvido. Ainda assim, vivendo em isolamento teológico, sem o auxílio dos trabalhos patrísticos relevantes ao assunto, ele dedicou todos os seus esforços durante 35 anos em busca de uma resposta. E a encontrou através de contemplação baseada em filosofia neo-platónica (estocismo): o Filioque!

Tal "solução" do Abençoado Agostinho foi redescoberta pelos francos no século 8 e acrescentada ao Símbolo da Fé. E junto com o Filioque, os francos adotaram a também equivocada opinião de Agostinho de que a Ecclesia, com o passar do tempo, é levada com a ajuda de "pensadores" ("estocastas") a uma melhor compreensão dos dogmas, dado que ele supostamente encontrara a solução que a Ecclesia buscara a respeito da propriedade hipostática do Espírito Santo, uma solução que os Pais do Segundo Concílio Ecumênico não teriam tido condições de encontrar.

Quando os russos, como os francos antes deles, adotaram o método teológico escolástico e a língua latina como a língua teológica oficial (no século 18), eles também adotaram a crença de que haviam superado os romanos (ortodoxos) do Império Otomano. O que é estranho é que alguns teólogos neo-helénicos, gregos modernos, que, influenciados pelos francos e pelos russos, ficaram desculpando-se por vários anos aos francos e à Rússia "francizada" por não terem recebido uma teologia escolástica e sistemática do tipo encontrado na Europa ocidental. Eles prometiam, entretanto, que iriam se esforçar para também criar uma tal teologia, de modo a que pudessem logo alcançar as alturas intelectuais da Europa ocidental. Hoje, porém, quando a teologia ocidental foi quase inteiramente desmembrada, muitos teólogos europeus retornam à tradição patrística. E assim também muitos gregos modernos fazem o mesmo caminho em imitação deles. Mas o Pe. John Romanides repara:

"Infelizmente, ao invés de tentarem teologizar dentro da tradição hermenêutica dos Pais, eles utilizam a chave hermenêutica de seus professores ocidentais. Por outras palavras, eles interpretam os Pais baseados nas pressuposições da teologia ocidental e no seu método de solucionar problemas, e portanto, não compreendem nem a teologia nem a espiritualidade dos Pais. A razão disto é que a teologia e a espiritualidade patrística, como aparecem nos escritos dos Pais, é percebida somente por aqueles que tiveram a mesma experiência espiritual deles.¹³ Essa teologia é um mistério oculto, exatamente como a teologia da Santa Escritura é um mistério. É inacessível para métodos acadêmicos. Apenas aqueles que possuem a Graça compreendem a Graça, a qual eles recebem através de jejum e oração sob a orientação de um pai espiritual que tenha a Graça da teoria (contemplação divina)¹⁴



Alexei Khomiakov

Não ao Misticismo Russo e ao Anti - Hesicasmo Grego

Durante a metade do século 19, alguns intelectuais russos ficaram muito impressionados pelo hesicasmo ortodoxo da Montanha Santa (Monte Athos), que havia chegado à Rússia. Entretanto, eles não apreenderam a sua profundidade, pois incorporaram-na nas suas teorias de superioridade eslava. Isto é, eles diziam que o hesicasmo do tipo “gerondico” era uma característica sua e que era uma característica da tradição e mentalidades russas, e não pertenciam ao Cristianismo Latino ou ao Grego, como lhe chamavam.¹⁵

Dessa maneira, os russos acreditavam que haviam superado os “gregos” e seu escolasticismo; haviam superado com o seu hesicasmo russo. Graças à intensa propaganda russa no Ocidente, essa ideia de uma superioridade do escolaticismo e hesicasmo russos tornou-se parte da consciência heterodoxa, mas também na nossa terra, Grécia. Como resultado, temos a ignorância e mesmo o deboche, mesmo na Grécia, por parte de algumas pessoas contra a teologia patrística e o hesicasmo ortodoxo. E chegamos à situação na qual até teólogos gregos procuram os estrangeiros para ter orientação porque eles, supostamente

¹³ Comparar a: o grande estudo do Professor Stylianos Papadopoulos "Concept, Importance and Authority of the Father and Teacher in his Patrology" livro I, p. 17-19.

¹⁴ Mesma fonte. p. 81

¹⁵ Para entender melhor a importância da distinção feita por europeus e russos entre os cristianismos "latino" e "grego", veja o estudo do pe. John Romanides "Romanity, Romania, Rumeli" Tessalónica 1975, Capítulo I.

devido à sua identidade natural e idiossincrasias, entenderiam de teologia e hesicasmo melhor do que nós. Era exatamente isso que os eslavófilos proponentes de Alexis Khomiakov propagandeavam em altos brados: que eles, eslavos, devido a idiossincrasias e mentalidade naturais, tinham entendido o Cristianismo melhor do que os “Latinos” e os “Gregos”!

Errado! Os Pais Hagióritas (provenientes do Monte Athos) entraram na Rússia através da Moldávia e levaram o hesicasmo até eles. Esses missionários eram Romanos de língua grega e não eslavos. Além disso, a Graça de Deus, que nos santifica e glorifica (teose), não tem nenhuma relação com chauvinismos nacionalistas, mas ao invés, visita e fortalece todo o homem que busca Deus, qualquer que seja a sua nação, para que ele viva o Mistério da nossa fé e alcance a santidade. O que o professor Pe. John Romanides escreve sobre isso é muito bonito:

“O alicerce do hesicasmo é a teose (deificação/glorificação), que triunfa sobre a natureza e torna os homens divinos pela graça. Tal é a fonte da mais alta compreensão possível da teologia, que transcende a natureza do logos (fala, razão) e do nous (espírito) do homem. Ela não tem nada a ver com chauvinismos nacionalistas. O fato de que a maioria dos glorificados (os que atingiram a teose) durante o curso histórico da Ecclesia terem sido Pais e Santos romanos de língua grega não significa que os fiéis de outras línguas e nacionalidades não podem igualmente tornarem-se portadores de Deus; mas também não significa que eles podem tornarem-se maiores teologicamente e espiritualmente. Certamente encontramos estágios mais avançados de Teose tais como Ellampcis (iluminação), Thea (Visão), e Synechis Thea (Visão Continua); mas eles nada têm a ver com idiossincrasias étnicas. Os Apóstolos no Monte Tabor e durante o Pentecostes receberam a teose no mais alto grau possível nesta vida, enquanto Moisés contemplou (teoria) a glória de Cristo no Monte Sinai por quarenta dias e noites. Não eram gregos, nem latinos, mas também não eram eslavos”¹⁶.

O mesmo se aplica a Plevris (um conhecido político nacionalista grego que renega o Antigo Testamento porque é um “trabalho de judeus”), no que se refere às coisas blasfemas e não históricas que ele diz e escreve. Mas iremos lidar com tais blasfêmias não históricas num estudo especial nosso.

Claro, teólogos gregos modernos não aceitaram o hesicasmo russo de forma absoluta, o assim chamado “misticismo russo”, e reagiram contra ele. Entretanto, ao invés de se voltarem para o verdadeiro e real hesicasmo de nossa Ecclesia, eles voltaram-se maravilhados, como uma contra-reação ao misticismo russo, para uma tradição que imaginavam ser não-hesicasta, e supostamente não ascética de grandes Pais que viveram antes de Fócios, e que imaginavam terem sido homens de ação e de contemplação filosófica (estocismo) e não de misticismo. E esses lamentáveis gregos modernos acreditavam que pensando e agindo dessa forma estavam lutando contra o, de fato, equivocado misticismo russo; e que por outro lado estavam voltando para os Pais, os quais, porém, eles blasfemavam já que, por um lado davam por encerrada a era patrística com Fócio, o Grande, e por outro, já que tais gregos modernos não tinham experiência do hesicasmo, apresentavam os Pais como não-hesicastas, como homens sociais, homens de ação com estocismo filosófico, mas certamente não como... monges inativos!

E o grande teólogo de nosso século, Pe. John Romanides, lamenta tal situação dizendo: “Como resultado dos eventos acima completamente destrutivos para a Ortodoxia, temos a teologia moderna dos russos e dos gregos modernos que não apenas não contribui para integrar os jovens no monasticismo hesicasta tradicional, mas ao invés contribuiu para que alguns gregos modernos seguissem os russos no seu desprezo pelo monasticismo tradicional e na admiração pelas ordens monásticas francas. Dessa forma, as irmandades religiosas surgiram (na Grécia) com fortes sentimentos de inferioridade em relação ao Cristianismo

¹⁶ Mesma fonte. p. 83

Ocidental, cujos trabalhos eles traduziam e espalhavam entre a população ortodoxa helénica. A coisa estranha é que as irmandades religiosas reagiam instintivamente contra a teologia acadêmica dos gregos modernos, amavam os Pais, mas ao mesmo tempo continuavam vítimas da perceção modernista dos Pais como apresentados acima, e imitavam uma imagem que tinham criado nas suas mentes sobre eles, imagem que divergia do monasticismo hesicasta dominante durante a Turcocracia de uma maneira essencial. E isso acontecia porque eles aceitavam a questão da distinção entre os grandes Pais e os santos ascéticos de depois de Fócio, o grande, que supostamente não eram Pais.”¹⁷

Não à Tese da Influência dos Filósofos Gregos sobre os Pais Gregos

Os Protestantes sabiam bem que a Teologia Agostiniana e a Teologia Escolástica Franca (relativa aos “Francos”), a qual havia sido influenciada por eles, operava sob forte influência de Platão e Aristóteles. No entanto, um sentimento orgulhoso de superioridade eventualmente desenvolveu-se em oposição a qualquer tipo de Teologia mais antiga, principalmente entre os círculos Germânicos de Teologia e Filosofia, porque os Germânicos acreditavam que eles haviam cultivado uma Teologia superior baseada em modernas Filosofias Europeias, e não baseada em Platão e Aristóteles, por quem a Filosofia e Teologia de Agostinho havia sido influenciada, e a partir dela o Escolasticismo dos Francos. Os Germânicos, tal como os seus antepassados Francos, não tendo noção da Tradição Patrística Romana, acreditavam que os Pais Helénicos, os “Gregos” como eles lhes chamavam, também haviam sido influenciados, como os Francos haviam sido, a partir dos Filósofos Helénicos e como tal haviam adulterado o Cristianismo através da influência vinda da Filosofia Helénica.

No entanto, o que é triste é que alguns Gregos da altura também acreditavam na ciência da Europa (Ocidental) e admitiam que a Teologia Patrística é baseada na Filosofia Helénica. Apesar disso, como Helenos, eles aceitavam esta teoria errónea e herética com entusiasmo patriótico, sem, claro, aceitarem a adulteração do Cristianismo pelos Pais devido á sua suposta influência pela Filosofia Helénica. Então: o encorajamento de muitos Teólogos Helenos, mais antigos e mais recentes (particularmente de Plevris) a estudar a Filosofia Helénica com admiração porque supostamente essa era a que os Pais haviam estudado e através dela escreveram todas as coisas sábias que escreveram, é baseada na teoria acima mencionada dos Protestantes, cuja teoria havia, no entanto, sido apresentada por eles num sentido negativo, para afirmarem que o Cristianismo havia sido adulterado pelos Pais devido á influência que eles haviam tido dos Filósofos Gregos. De qualquer das maneiras, tornou-se aceite pelos Gregos da altura devido ao seu nacionalismo.

É claro, os Russos, e de um modo geral os Eslavos, como Ortodoxos que eram, não podiam aceitar tais teorias, nomeadamente que os Pais “Gregos”, os Pais dos Sínodos Ecuménicos, haviam adulterado o Cristianismo; no entanto eles apoiavam a teoria de que os “Gregos” e os “Latinos”, como Cussitas que eram, não haviam compreendido o Cristianismo profundamente, da forma como eles, os Eslavos Iranianos, haviam. E isto era porque a Filosofia étnica natural e ideologia dos Eslavos havia supostamente dado uma melhor contribuição que qualquer outra Teologia para a compreensão do Cristianismo.

Um golpe forte e efetivo nas teorias acima, nomeadamente a da suposta adulteração do Cristianismo pelos Pais “Gregos” devido a uma suposta influência vinda da filosofia Helénica e a sua incapacidade para compreendê-la totalmente, porque, mais uma vez, eles eram “Gregos”, foi trazido pelo maior Teólogo Russo do século 20, Professor e Protopresbítero pe. George Florovsky. Durante mais de metade de um século, o grande pe. Florovsky corrigiria fortemente os Russos que apoiavam a ideia de que os Pais não haviam compreendido o

¹⁷ Ibid. p. 87, 88

Cristianismo de maneira suficiente porque eles eram “Gregos” enquanto eles, como Eslavos Iranianos que eram, com a sua ideologia supostamente compreenderam totalmente; e ele corrigiria também os Protestantes fortemente que afirmavam que os Pais haviam supostamente adulterado o Cristianismo devido á suposta influência vinda da filosofia Helénica, enquanto eles, graças ás suas modernas filosofias Europeias, haviam compreendido o Cristianismo de melhor forma.

Pe. Florovsky enfatizou a importância permanente do Helenismo dos Pais para o Cristianismo. Trabalhando em conjunto com outros Teólogos Romanos da Grécia e Constantinopla, ele contribuiu para o retorno aos Pais e o seu Hesicasmo como a base rochosa da Teologia e Espiritualidade Ortodoxa. Como tal os pressupostos foram criados para a compreensão correta dos Pais além de Fócio o Grande e particularmente de São Gregório Palamas. Pois, tal como dissemos no início, pe. Florovsky contribuiu mais do que ninguém para o fim da ideia do término da Teologia Patrística e provou que a Teologia Patrística continua em segurança mesmo após Fócio.

Não á distinção entre os Pais “Biblicizados” e “Helenizados”

No entanto, alguns dos modernos Teólogos Russos, apesar de terem sido convencidos pelo esforço teológico do pe. Florovsky de que é uma absoluta prioridade eles voltarem aos Pais, rejeitaram o “Helenismo” dos Pais ou os Pais “Helenizados”, como eles lhes chamavam. Eles afirmavam que devíamos voltar aos Pais “Biblicizados”, a quem supostamente também eles pertenciam. É claro com este ponto que os Russos não conseguiram separar-se dos seus sentimentos Eslavófilos e dividiram os Pais em “Biblicizados” e “Helenizados” ou “Grecizados”, como eles lhes chamavam.

Esta heresia foi oficializada por um lado pelos Russos, e especialmente por John Meyerdoff¹⁸; no entanto a sua origem pode mais uma vez ser rastreada até aos Protestantes: no século 19 os Protestantes começaram a perceber que a Teologia da Sagrada Escritura não era em tudo igual á única Teologia que eles conheciam, nomeadamente a sua Teologia Patrística Agostiniana, que é baseada nos filósofos Helenos, Platão e Aristóteles. Como tal, criou-se facilmente um mito e algo nunca antes ouvido foi propagado pelos Russos sobre a existência de Pais Helenizados que adulteraram o Cristianismo, e sobre a existência de Pais Biblicizados. No entanto, os Russos acreditavam também que os “Grecizados”, como eles lhes chamavam, isto é, os Pais Helenizados, também representam uma Tradição, a Tradição Patrística Helenizada, da qual Grandes Pais fazem parte,¹⁹mas estes Pais haviam adulterado o Cristianismo com a sua filosofia Helénica.

Durante os tempos de São Gregório Palamas²⁰, a cabeça desta Tradição dos Pais Helenizados supostamente era Barlaão. E a cabeça da Tradição Biblicizada supostamente era São Gregório Palamas.

¹⁸ Infelizmente, muitos dos nossos próprios Teólogos aprendem sobre o Grande Pai São Gregório Palamas através da obra relacionada com ele por Meyerdoff.

¹⁹ Entre estes pais “Grecizados”, como eles lhes chamariam, eles colocariam: Dinis o Aeropagita, Evágrio Pôntico, Gregório de Nissa, Máximo o Confessor e outros.

²⁰ Para apoiar esta teoria sobre a distinção entre os Pais Biblicizados e Helenizados, o Russo Meyerdorff perdeu-se devido também a outro fator, nomeadamente o facto de que Barlaão, mesmo antes do seu choque com Palamas, havia-se pronunciado como sendo a favor da superioridade dos Sínodos Ecuménicos, contrariando o Papa e contrariando a insistência dos Latinos sobre o caracter dogmático do “Filioque” e como tal provando ser a favor da Tradição Ortodoxa e não da Tradição Latina. Mas, como pode ser claramente visto, as posições de Barlaão sobre a relação dos Sínodos Ecuménicos com o Papa, é um primeiro formato das mais tardias teorias do Ocidente, as chamadas “Conciliares”, que defendiam a superioridade dos Sínodos Ecuménicos. O facto de Barlaão seguir esta linha não prova a sua Ortodoxia. Desde o século 14, encontramos um enorme movimento no Ocidente que apoiava estes pontos de vista vigorosamente, e tal movimento ajudou a revolução Protestante contra o Papa no século 16. Além disso, no que toca ao assunto do “Filioque”, Barlaão havia-se colocado não apenas contra as posições dos Latinos, tal como dissemos antes, mas também contra a insistência dos Pais

Esta heresia é terrível; isto é: a Tradição Patrística é dividida em Bíblica e Helenística e desta forma “campos” Patrísticos são criados, enquanto o herético Barlaão parece pertencer também aos Pais, supostamente aos “Helenizados”. Mas com a condenação de Barlaão em 1368 d.C. durante o Sínodo de Constantinopla, Grandes Pais foram também condenados- de acordo com esta heresia da divisão Patrística em Pais Biblicizados e Helenizados- tais como Dinis o Areopagita, Gregório de Nissa, Máximo o Confessor etc. todos os quais eles colocariam no mesmo campo de Barlaão. Mas a Teologia destes Pais constituiu a base para as decisões dos Sínodos Ecuménicos, bem como a base rochosa da educação de tantos Pais incluindo São Gregório Palamas. Como tal, como é que estes Pais aparecem a pertencer ao mesmo campo que Barlaão e como tal são também condenados com ele? E como é que São Gregório Palamas é mostrado como estando em desacordo com estes Pais – sendo que ele é colocado num campo diferente – daqueles de quem ele recebeu a sua educação e a quem se tornou igual em tudo, sendo que também ele (tal como eles) não inovou? O elemento cómico desta teoria blasfema dos supostos Pais Biblicizados e Helenizados é que os Bispos são apresentados a condenar os ... Pais, pois os Bispos haviam condenado o campo dos Pais (supostamente) Helenizados (pois eles condenaram um dos seus membros, nomeadamente Barlaão [o Calabrês], durante o processo do Sínodo de Constantinopla em 1368 d.C.).

Não ás discordâncias de Agostinho com os Pais e não ás suas concordâncias com os heréticos

Escrevamos outra vez pois é um problema muito sério:

O primeiro elemento horrível na teoria acima é a divisão dos Pais em dois campos opostos, os Biblicizados e os Helenizados. A segunda coisa, ainda mais horrível, é que eles colocaram o herético Barlaão entre os Pais (os Helenizados) entre os quais foram também colocados, tal como dissemos, Grandes Pais como Dinis o Areopagita, Gregório de Nissa, Máximo o Confessor etc. E no entanto NENHUMA, NEM SEQUER UMA, das heresias condenadas de Barlaão está incluída nos ensinamentos dos (erradamente descritos como) chamados Pais Helenizados da Igreja. Pelo contrário, todas as heresias de Barlaão estão no centro da Tradição Franca Agostiniana. E o choque entre Barlaão e São Gregório Palamas não é um choque supostamente entre Pais Biblicizados e Helenizados, mas na sua profundidade esconde o choque entre as Tradições Patrística e Franco-latina Agostiniana, e neste ponto pode a grande importância do choque ser encontrada. E se desejamos examinar o assunto com maior detalhe, descobriremos que este choque entre as Tradições Patrística e Franco-latina Agostiniana tem a sua origem na disputa entre os Ortodoxos e os heréticos Arianos e Anomianos dos tempos do Primeiro e Segundo Sínodos Ecuménicos.

sobre a natureza herética do “Filioque”, pois ele afirmou que o “Filioque” não é parte da revelação (dada) e por isto os silogismos a favor ou contra são apenas dialéticos. No entanto, São Gregório Palamas, responderia que nós temos axiomas (ensinamentos/verdades indiscutíveis) dogmáticos hagiográficos e patrísticos que constituem a base de prova contra a natureza herética do Filioque e por esta razão, os silogismos, no que toca ao “Filioque”, não têm uma natureza dialética, mas são dogmáticos: Em Deus há o comum e o incomunicável, que pertencem exclusivamente a uma Pessoa da Santíssima Trindade. Como tal, a processão do Espírito Santo necessita de ou ser somente do Pai (e nesse caso é um idioma comunicável) ou do Pai E do Filho E do Espírito Santo. Não é possível que o Espírito Santo proceda do Pai e do Filho (Filioque) sem que o idioma comum das duas pessoas seja também o idioma da terceira Pessoa; e nesse caso o Espírito Santo participaria na causa da existência de si próprio! ... Por outro lado, o ensinamento patrístico de que o Pai é a única fonte de Divindade claramente implica que o Espírito Santo tem a sua existência somente a partir do Pai, tal como o Filho. – Mais uma vez, o facto de Barlaão acusar o “decano” entre os teólogos Franco-latinos Tomás de Aquino, porque ele identificaria todas as coisas de Deus com a Essência Divina, fez também outros (tirando Meyerdorff) acreditarem que isto é ainda mais uma prova de que Barlaão representa uma Tradição Ortodoxa e não uma Tradição Latina; e este facto também contribuiu para a separação dos Pais em Biblicizados e Helenizados. No entanto, o facto de Barlaão acusar Tomás de Aquino não significa que ele é Ortodoxo, mas ao invés que ele pertence ao outro lado, igualmente herético, o lado dos chamados “Escotistas”. Por esta razão Vissarion (antes de Niceia e depois Cardinal da Igreja Papista) escreveu que Barlaão introduziu argumentos Escotistas (de Duns Escoto) anti- Tomistas no Oriente (comparar a Pe. John Romanides, mesma fonte, p. 124-130).

Analisemos este ponto, pois é essencial para o nosso tópico e traz até nós importantes diferenças entre a nossa Tradição e a Tradição Franco-latina Agostiniana oposta.

Tal como o grande Teólogo moderno pe. John Romanides explica e estabelece; o abençoado Agostinho, em particular iria:

- a) Discordar em alguns pontos essenciais, com os quais os Ortodoxos e os heréticos estão em concordância;
- b) Concordar com os Arianos e os Anomianos num ponto contra os Ortodoxos;
- c) Concordar com os Anomianos noutro ponto contra os Arianos e os Ortodoxos;
- d) Iria concordar com o dogma do Primeiro e Segundo Sínodos Ecumênicos superficialmente mas, como veremos, essencialmente concordou com as pressuposições dos ensinamentos Arianos e Anomianos.

Explicaremos estes quatro pontos:

a) Todos os Santos Pais concordam neste ponto, nomeadamente que o Anjo de Deus (tal como a Sagrada Escritura lhe chama) que apareceu aos Profetas do Antigo Testamento, também conhecido como Anjo da Glória ou Anjo Conselheiro ou Senhor da Glória, é o Logos de Deus, Cristo. Cristo apareceria também no Antigo Testamento, apesar de não encarnadamente. Esta verdade nem sequer é negada pelos heréticos Arianos e Anomianos. Eles, no entanto, ensinariam que o Anjo do Senhor, que havia aparecido aos Profetas, nomeadamente Cristo, era uma criatura; porque eles afirmavam que Deus se revelava ou mostrava através de criaturas. E eles acreditavam que o Logos Divino, o Filho de Deus, é criado.

O abençoado Agostinho caracterizaria este ensinamento sobre a aparição do Logos de Deus aos Profetas como blasfêmia; ele apoiava a posição de que não apenas o Logos mas as três Pessoas da Santíssima Trindade seriam reveladas através de feitos e depois não feitos símbolos criados da Divindade, para que, através destes, a Santíssima Trindade fosse vista com os sentidos humanos. Agostinho acreditava nesta revelação como sendo inferior, revelação superior era considerada por ele como sendo a que Deus presenteava ao nous (espírito) do Homem.

Esta teoria do abençoado Agostinho sobre as Teofanias e sobre Revelação Divina não havia sido ouvida antes; e foi isto que os Francos receberam para mais tarde desenvolverem. O ensinamento dos Francos sobre Teofanias foi trazido para o Oriente através do herético Barlaão. Barlaão apoiaria exatamente a mesma coisa: Que a revelação que aconteceu através da Luz do Tabor era "XEIPΩ NOHΣEΩΣ" [=inferior ao noesis (á noética)]; era, isto, é, inferior aquela dada diretamente ao "nous" (espírito); inferior até á dada diretamente ao "nous"; inferior até á simples "noesis" (=uso do intelecto "nous").²¹

"Pode imaginar-se", reflete o pe. Romanides, "a impressão dolorosa que estas afirmações de Barlaão provocaram no Oriente Ortodoxo, em que a Luz do Tabor seria considerada pelos Pais como a verdadeira Divindade Incriada e Reino da Santíssima Trindade?"²²

b) Por aquilo que está acima nós vemos que o abençoado Agostinho discordaria tanto com os Ortodoxos como com os Arianos e os Anomianos heréticos, no sentido em que ele não aceitaria as Teofanias do Logo de Deus aos Profetas do Antigo Testamento como atuais. Ele concordaria com os heréticos contra os Ortodoxos na sua crença de que os Profetas e os Apóstolos veriam uma criatura e não a própria Divindade.

De acordo com os nossos Santos Pais, contrariamente á visão de Agostinho, os Profetas e os Santos que atingiram a "teose", vêm invisivelmente e ouvem supraracionalmente o Pai

²¹ Comparar com "Monumentos Dogmáticos e Simbólicos" de Ioannis Carmiris, tomo 1341.8, p.357

²² Mesma fonte; p. 108-109

no Espírito Santo através do LOGOS INCRIADO E NÃO POR INTERMÉDIO DE ALGUMA CRIATURA.

c) Os Santos Pais ensinam que os Theumens (= Portadores de Deus, portadores da Graça Divina), vendo e ouvindo Deus através do Logos no Espírito Santo participariam das Energias Incriadas de Deus e não da divina hipóstase das Três Pessoas da Santíssima Trindade e da Essência Divina.

Por outras palavras, os Santos Pais fazem uma distinção em Deus entre a sua Divina Essência, que é: “**AMETHEKTI**” (Grego: AMEΘEKTH, pron. ah-meth-ek-tee), incomunicável (ou seja, ninguém pode comunicar com/ tomar parte nela, homem ou anjo, exceto as Três Pessoas/ Hipostasias da Santíssima Trindade) e a sua Divina Energia, que é “**METHEKTI**” (Grego: MEΘEKTH, pron. meth-ek-tee), comunicável. Esta distinção seria também feita pelos heréticos Arianos e também eles ensinaram que as criações não conhecem a essência mas a energia de Deus. No entanto, eles incluíam o próprio Logos Divino entre as criaturas e essa era a grande diferença deles e dos Ortodoxos.ÁRIO, como prova de que o Logos de Deus é uma criação e não Deus, como nós Ortodoxos acreditamos, diria que o Logos não conhece a essência do Pai mas participa, pela graça, em algumas das Suas energias. Como tal, os Arianos fariam também uma distinção entre essência e energia no que toca a Deus.

E no entanto o abençoado Agostinho não faria esta distinção. Agostinho é a única pessoa na era antiga que tentou teologizar sobre a Santíssima Trindade sem ter estudado as obras patrísticas, mas baseado apenas na Sagrada Escritura e no filósofo Neo-Platónico Plotino. Como tal não conhecendo a Teologia Patrística, o abençoado Agostinho identificou a Essência Divina com a Energia Divina. Este “plani” (ensinamento ilusório) havia sido afirmado anteriormente pelos heréticos Anomianos e sem perceber Agostinho seguiu-os, enquanto os Franco-latinos seguiram-no ²³(23).

Se no entanto a Divina Essência é identificada com a Divina Energia, como é que o homem é deificado (como é que ele atinge a teose)? Participando na Divina Essência de Deus? Como é que conhecemos Deus? Conhecendo a sua Essência? O abençoado Agostinho, sem que o tenha percebido, aceitou o ensinamento dos Anomianos de que os fiéis podem, através da Sagrada Escritura e filosofia, vir a conhecer a Essência de Deus até nesta vida; enquanto na próxima vida aqueles que são salvos, ele afirmava, virão a conhecer a Essência Divina

²³ Porque foram os Anomianos que primeiro identificaram a Essência Divina com a Energia Divina, por esta razão Palamas caracteriza aqueles que não aceitam a distinção entre Essência Divina e energia Incriada de Deus como Anomianos. São Gregório Palamas reclama a Barlaão que nem sequer os Arianos chegaram ao ponto de identificarem a energia divina com a Essência Divina. Os Arianos costumavam dizer que o Logos é da vontade de Deus e não da Sua essência. O que eles afirmavam sobre o Filho e Logos de Deus era herético; no entanto, a partir disto, parece que eles estavam a fazer uma distinção entre Essência Divina e Energia Divina em Deus. Por esta razão, Palamas observa: “Aqueles que chamaram ao Logos de Deus Filho da vontade Deus não se atreveram a chamar a essência de Deus como vontade” (Em favor daqueles a descansar divinamente, 3, 2, 6). O assunto da distinção entre Essência Divina e Energia Divina é encontrado no centro do choque entre São Gregório Palamas e Barlaão. O assunto havia sido expressado desde o início; é logo encontrado na primeira fase da disputa. A distinção entre Essência Divina e Energia Divina corresponde precisamente á distinção, novamente, em Deus, entre a forma de existência e as energias do Espírito Santo. A questão da existência é da essência de Deus; a energia difere e é diferenciada do assunto, da mesma forma que o é da essência. As maneiras da existência de cada hipóstase da Santíssima Trindade são hipostáticas, por outras palavras, cada maneira de existência pertence apenas a uma hipóstase divina; no entanto, a energia divina é natural da essência e por esta razão é comum. Precisamente por esta razão a processão do Espírito Santo, como forma de existência, não pode ser identificado com o envio do Espírito Santo.

diretamente; ²⁴“Não demorará muito”, costumava dizer Agostinho, “até eu procurar a essência de Deus, através da Sagrada Escritura ou através da criação”. ²⁵

Porque o abençoado Agostinho identificava a Essência Divina com as energias divinas, por esta razão ele afirmava durante as suas “Teopatias” (visões de Deus) os Profetas, Apóstolos e Santos viam símbolos criados da Divindade e não a própria Divindade, e para ele isto significava que eles viam a própria Essência Divina, pois ele não faria uma distinção entre Essência Divina e energias divinas de Deus. Parece que ele havia ouvido em algum lado que os Pais haviam rejeitado a ideia de que na Sagrada Escritura os que recebiam a graça veriam a Essência Divina e por esta razão Agostinho rejeitaria esta possibilidade.²⁶ Por esta razão, todos os naturais símbolos icônicos da divindade que conhecemos na Sagrada Escritura (tais como: luz, glória, nuvem, relâmpago, fumo, fogo, coluna de fogo, coluna de nuvem, línguas de fogo, a comparação a uma pomba) seriam interpretadas pelo abençoado Agostinho como criações feitas e não feitas que simbolizavam a presença divina naqueles que as viam, para que Deus fosse ouvido entre os homens através destas criações. O abençoado Agostinho diria (e através deles também os Francos) que a revelação de Deus feita sobre o “nous” (espírito) do homem é superior às revelações indicadas em cima, que são supostamente realizadas através destas criações (feitas e depois desfeitas). ²⁷

Tendo em conta que os Franco-Latinos acreditam que os Profetas viram e ouviram criaturas, que representam ou refletem Deus, por esta razão é claro que, tal como o pe. Romanides também diz, eles interpretaram a inspiração divina da Sagrada Escritura à letra, tendo em conta que as coisas vistas e ouvidas foram escritas em ordem para se tornarem acessíveis aos poderes naturais do homem, sentido e lógica. De acordo com esta teoria, a coisa revelada torna-se revelada para que seja percebida pela lógica do homem. De acordo com o abençoado Agostinho, o homem aceita os dogmas da Sagrada Escritura através da Fé e depois ele tenta através das suas capacidades mentais, com a sua lógica, percebê-las (também ajudado pela filosofia, especialmente filosofia Neo-Platónica). Este método tornou-se a base rochosa da Tradição Franco-latina e pode ser resumido no lema de Agostinho “Credo Ut Intelligam”, por outras palavras, “Eu acredito para que possa compreender”. Desse modo, tal como já dissemos, Agostinho atingiu o ponto de dizer:

“Não demorará muito até que eu procure a Essência de Deus, através da Sagrada Escritura ou através daquilo que é criado”.

Pe. John Romanides diz claramente e com ênfase: Toda a base da Teologia de Agostinho é resumida no lema que se tornou o “slogan” Teológico dos Francos, nomeadamente “Credo

²⁴ O abençoado Agostinho afirmaria, no entanto, que aqueles que estão em êxtase divino também podem a partir desta vida ver a essência de Deus, como Moisés e Paulo o fizeram. No entanto, de um modo geral, Agostinho, como todos os escolásticos franco-latinos depois dele também, aceita que os salvos vêm a Essência Divina após a morte. “Não obstante, de acordo com os Padres Ortodoxos, os Theumens (portadores de Deus) não vêm nem verão a Essência Divina nesta vida ou além da sepultura; mas agora e além da sepultura e durante a ressurreição comum eles vêm e verão a natural e Incriada glória e reino de Cristo, da mesma forma que os Apóstolos O viram no Monte Tabor e durante o Pentecostes. O mesmo vale para os anjos que só conhecem a divina glória e divindade e de maneira alguma conhecem a Essência Divina, que é conhecida apenas para a Santíssima Trindade” (Pe. John Romanides, mesma fonte. p. 112).

²⁵ Comparar a “De Trinitate” Prólogo II

²⁶ Ele incluiria, no entanto (como aparenta a partir da acima mencionada (comparar a. nota 22) esta posição dos Anomianos, nomeadamente que os fiéis já podem conhecer a essência de Deus a partir desta vida através da Sagrada Escritura e através da filosofia.

²⁷ Pe. Romanides escreve no seu livro monumental (p. 118): “Ao contrário deste ensinamento Patrístico, as revelações vindas de cima (superiores?) De um luminoso gnophus (obscuridade), glória, luz, nuvem luminosa, coluna de fogo, coluna de nuvem, línguas de fogo, são todas - de acordo com Agostinho - teofanias de criaturas feitas e desfeitas, perceptíveis pelos sentidos dos profetas e dos apóstolos e, como tal, inferiores às revelações feitas diretamente ao “nous”, já que para estes o nous não precisa remover noções / sinais (noemata) dos sentidos. Para a tradição franco-latina agostiniana de Barlaão, a verdade revelada através da filosofia e da Sagrada Escritura é acessível pela fé na lógica dos fiéis capazes (capacidade dependendo da quantidade de sua aprendizagem secular); Assim, apenas as coisas que não foram reveladas transcendem a lógica”.

Ut Intelligam”, “Eu acredito para que possa compreender”. De acordo com este método ilusório, primeiro o fiel aceita os dogmas através da fé e depois, se ele tem a necessária capacidade filosófica, ele faz todo o esforço possível para transformar a simples Fé em conhecimento ²⁸.

d) Contrariamente ao acima mostrado “plani” (ilusão) Franco-latino Agostiniano sobre Teofanias, os Santos Pais do Primeiro e Segundo Sínodos Ecuménicos haviam usado um eixo comum á volta do qual desenvolveram as suas conversas com os heréticos Arianos e Anomianos, o seguinte ensinamento inabalável da Sagrada Escritura e da Santa Tradição, que diz: “Os Profetas, os Apóstolos e os Santos, vendo invisivelmente e ouvindo supra-racionalmente e compreendendo supra-noeticamente veriam a Glória, Reino, e Divindade do Logos, ouviriam e conhecê-lo-iam, o próprio Logos no Espírito, e através Dele Deus Pai” (Pe. Romanides). ²⁹E precisamente por causa disto estavam os Ortodoxos em posição de ter uma discussão com os heréticos sobre se o Logos aparecido é “homoousios” (consustancial), “homoiousios” ou “anomoios” ao Pai. Pois, se tanto os Pais como os heréticos haviam interpretado as Teofanias da forma como o abençoado Agostinho havia, e, como tal, identificado toda a Pessoa Divina com a Essência Divina, como ele o fez, então não teria havido problema sobre um Logos ou Espírito Santo “homoousios” ou “homoiousios” ou “anomoios” (consustancial) relativamente ao Pai. Desta forma pode-se dizer que Santo Agostinho aceitaria as decisões do Primeiro e Segundo Sínodos Ecuménicos apenas superficialmente porque, na verdade, ele discordaria com as pressuposições dos Santos Pais nas suas polémicas contra os heréticos.

O ponto de vista do abençoado Agostinho sobre a revelação, nomeadamente de que os Profetas do Antigo Testamento não tinham uma Teofania de Deus o Logos mas apenas viram criaturas, feitas e desfeitas, bem como o seu outro ponto de vista sobre o Pecado Original, nomeadamente que os descendentes de Adão supostamente herdaram a sua culpa, levou a tradição Franco-latina a rebaixar extremamente o Povo de Deus que havia vivido antes da Encarnação do Logos Divino, nomeadamente o Povo do Antigo Testamento, os Patriarcas e os Profetas. ³⁰No entanto, de acordo com os Pais, o povo justo no Antigo Testamento era amigo de Deus mesmo antes da oferta do Sacrifício na Cruz de Cristo no Gólgota, porque o mistério da Cruz seria efetuado (energizado) neles ³¹. Por esta razão os Santos Pais usam a vida de Moisés como um exemplo de perfeição nesta vida.

²⁸ Mesma fonte. p. 109-114. 129

²⁹ Mesma fonte. p. 114. O mesmo Pai teólogo acrescenta noutra parte: "Segundo a Sagrada Escritura e os Pais, a entrada de Moisés, dos Profetas e dos Apóstolos no Tabor para a nuvem luminosa, para a glória, para o reino, para o brilhante gnophus (obscuridade), para escuridão luminosa, para o lugar onde Deus reside, para a coluna de fogo, para a coluna de nuvem, bem como para a comunhão (methexis) das línguas de fogo do Pentecostes, todas significam a aparição (phanerosis) e comunhão (methexis) na divindade de Cristo, do Pai e do Espírito Santo, e constituem a mais alta forma de revelação e toda a base da teologia Patrística, enquanto estes constituem / compreendem / estabelecem a própria teose (deificação ou glorificação) ou teopatia (visão divina) ou theoria (contemplação divina) da energia Incriada e presença de Deus".

³⁰ Isto, de acordo com o pe. Romanides, é devido á forte influência Platónica e Maniqueana em Agostinho sobre os assuntos do Homem, Queda, Deus e Antigo Testamento

³¹ Ao contrário dos Franco-latinos, São Gregório Palamas adiciona noutro sítio: "A cruz de Cristo seria pré-proclamada e pré-sombreada misticamente desde [os tempos de] gerações antigas e ninguém nunca KATHLLAGH TW UEW (Descobre o Theo) sem o poder da Cruz... Havia muitos amigos de Deus, antes e depois da Lei, sem que a Cruz tivesse sido vista / revelada ainda [por/a eles], que foram declarados como tais pelo Próprio Deus, e o rei e profeta David, sendo o maior amigo de Deus da sua era, "a mim", ele diz, "teus amigos foram bem honrados em Deus". Como é que os amigos de Deus que viveram nos tempos antes da Cruz EXRHANTISTA? (fizeram isso) ... Assim como o homem do pecado, o Filho da ilegitimidade, o Anticristo, digo eu, ainda não chegou, [e ainda assim] o amado em teólogo em Cristo diz: "e agora, amados, o Anticristo é"; do mesmo modo também a Cruz estava [a ser energizada] nas [gerações] passadas e [continuará a fazê-lo] até o fim "(Homilia 11 sobre a Honrada e Doadora de Vida Cruz) (Patrologia Helénica (EPE) 9, 282 e segs.). Recomendamos que toda a homilia seja estudada, pois prova que as pessoas justas do AT foram amigas de Deus antes mesmo da oferta do sacrifício na Cruz de Cristo).

O Fogo do Inferno não é criado

Os outros pensamentos ilusórios (plani) dos Franco-latinos sobre o Inferno e Purgatório provêm do ponto de vista de Agostinho sobre os assuntos relativos á Revelação. Tal como dissemos, o abençoado Agostinho interpretaria todos os símbolos icônicos da Divindade que se encontram na Sagrada Escritura como, por exemplo, nuvem, luz, coluna de fogo e de nuvens, línguas de fogo etc. como criaturas; como tal, da mesma maneira, os Francos, que seguiram o ensinamento de Agostinho, imaginaram o fogo eterno bem como as trevas exteriores do inferno como sendo coisas criadas. Através desta má interpretação, como tal, temos as paradoxais e supersticiosas crenças dos Francos sobre o inferno e o purgatório, que são descritas poeticamente por Dante, que é considerado o pai do Iluminismo Ocidental ³². A verdade é que o fogo eterno e as trevas exteriores são A MESMA COISA que Glória e “Gnophus” de Deus. Todos verão Deus; claro, a sua Energia Incriada. No entanto aqueles que têm um coração puro irão vê-lo como Glória e “Gnophus” de Deus (isto é o Paraíso), enquanto aqueles que têm um coração impuro irão vê-lo como um Fogo Consumidor (isto é o Inferno com fogo eterno e trevas exteriores).

Porque os Franco-Latinos acreditaram que os condenados não verão algo incriado, eles interpretaram o fogo eterno da Sagrada Escritura como sendo algo criado, tal como dissemos. Ao menos, usando senso comum eles deveriam ter percebido que o fogo eterno e as trevas exteriores não serão perceptíveis pelo facto de que “está preparado para diabo e os seus anjos” ³³. Estes seres certamente não têm sentidos para verem perceptivelmente as trevas ou o fogo percebidos pelos sentidos. De qualquer forma, tendo em conta que os Franco-latinos interpretaram o fogo eterno como sendo algo criado, eles também imaginaram, tal como os antigos idólatras também haviam imaginado antes deles, que o mundo da salvação e perdição é como um “edifício de três andares” consistindo de: Um paraíso imutável para os

³² O professor Sr. N. Matsoukas escreve no seu livro "Teologia Dogmática e Simbólica" II, p. 548, 549, nota 204: No seu "A Cidade de Deus", Agostinho descreve o fogo criado do inferno com expressões terríveis. De fato, no seu desejo de provar que o fogo do inferno existe por toda a eternidade, sem que nunca se extinga e que aqueles atormentados nele não são eventualmente aniquilados, ele reúne exemplos do mundo físico. Ele diz-nos que existem vermes que vivem em temperaturas muito altas (de fato, existem tais microrganismos, assim como outros que vivem em temperaturas muito baixas). Entre estes encontramos a salamandra.

(Só que, de acordo com as crenças míticas da sua época, a salamandra apagaria o fogo quando encontrada dentro dele). Os vulcões da Sicília fazem chama e ainda assim nunca queimam totalmente. Afinal, a carne de um pavão morto não se dissolve de qualquer maneira. (O próprio Agostinho nos conta que uma vez ele tirou um pedaço de carne de pavão da mesa e experimentou). O cálcio é um fogo eternamente vivo que nunca pode ser apagado, exceto dentro da água. Comparar a. De Civitate Dei 21,2 e PL 41, 700-712. Como tal, Agostinho - já Tertuliano havia-se levantado para afirmar estes pontos de vista antes dele - conseguiu, com estas descrições, dar uma base de apoio aos escolásticos na sua teoria de que o fogo do inferno é criado. Afinal, a incapacidade de distinguir entre essência e energia em Deus leva-nos até lá de forma natural. (Uma realidade criada deve necessariamente entrar em contato com os condenados e não com a essência incriada de Deus). A teologia ortodoxa, é claro, não aceita essa visão. Deus, através das Suas energias incriadas, engloba tudo. Os condenados sentem angústia (cegos como estão), já que não têm a visão (thea) de Deus (Theos). A influência provém da energia iluminadora incriada que é dolorosa para os condenados. Comparar a. "História Romana" de Nicephorus Gregoras, 24,9 PG 148, 1424C: "Nós ouvimos falar nos santos evangelhos de um fogo preparado para o Diabo e seus anjos. Como tal, se esse fogo é incriado, como Palamas afirma, KAI UEOS AN PROS TE KAI ANARXOS EI H UM AUTO ". (e se depois houver!?) Aqui vemos que os escolásticos estão a ser sarcásticos com Palamas; eles acreditam que o fogo do inferno não pode ser incriado. De acordo com os seus pressupostos, eles certamente estão certos. O mesmo (correto na sua dedução, errôneo na sua hipótese inicial) silogismo pode também ser feito por alguns teólogos Ortodoxos, desde que declarem que não estão a interpretar a Tradição Ortodoxa. Eu sublinhei isto noutra ocasião e farei-o também aqui: teologia e dogmática em particular (por outras palavras teologia epistemológica) segue o método "de lege lata": descreve o que vê. No entanto, o patologista P. Christou, ao discordar comigo, discordou, sem que talvez se tenha apercebido, também com os pais Ortodoxos; e apoia o ponto de vista de que o fogo do inferno é criado. Comparar a. "Máximo, o Confessor e Nikolaos Matsoukas" de P.K. Christou, Herança, 12, 1, Tessalónica 1980 p. 206-207. Ver também a resposta de N. A. Matsoukas "Uma resposta ao Sr. Panagiotis Christou", Tessalónica 1981, p. 25-26.

³³ Mateus 25:41. Nós referenciamos o leitor á secção 1,3,10 tirada da Homília "Sobre aqueles a descansar divinamente" de São Gregório Palamas que, tal como o pe. John Romanides acrescenta apropriadamente, "sumariza de maneira maravilhosa a essência do ensinamento Ortodoxo sobre a revelação, Teose, inferno, sabedoria (gnose) de Deus, base da teologia apofática, autenticidade e infalibilidade".

abençoados, uma terra mutável para o julgamento dos povos, áreas infernais mutáveis para os condenados e aqueles a serem purificados! ...

“Contrariamente á tradição Franca, a Romanidade (pré-cisma) nunca interpretou as questões do inferno e inspiração divina de forma a adotar a cosmologia idolátrica do universo como um edifício de três andares, com um paraíso acima dos céus, inferno e fogo do purgatório de baixo da terra, e a terra como um lugar de julgamento para o homem. E a Romanidade nunca imaginou que, de certa forma, Deus ditasse palavras aos Profetas e Apóstolos de outras formas que a natureza humana do Logos” (Pe. John Romanides).³⁴

Não ao conhecimento de Deus através de lógica e através de arquétipos platônicos

Finalmente, desejamos falar sobre a diferença mais fundamental entre o abençoado Agostinho e os Pais da Igreja. Agostinho acredita, juntamente com os Platônicos, que o homem pode conhecer Deus com a sua lógica, enquanto que pelo contrário os Pais da nossa Igreja ensinam que a lógica só pode conhecer as coisas criadas. E sendo que não há semelhança entre o universo criado e o Deus Incriado e sendo que a lógica só pode conhecer as coisas criadas, não é possível, como tal, para o homem conhecer Deus através da sua lógica. Então como é que conhecemos Deus? Tornando-nos Santos, iluminados por Deus! Esta é a única maneira de conhecer Deus: a experiência da Teose; não a lógica do homem. Mas mesmo se não somos Santos, no entanto para termos uma experiência pessoal de Teose, vivendo dentro da Igreja, viramo-nos para os nossos Santos e através deles obtemos conhecimento de Deus. Lendo a Sagrada Escritura e a vida e ensinamentos dos Santos da nossa Igreja, recebemos conhecimento de Deus através deles. Os Profetas, os Apóstolos e os Santos da nossa Igreja; estes são a nossa própria autenticidade em Deus. No entanto, os Franco-latinos, ao seguirem Agostinho, introduziram uma maneira supostamente diferente de conhecer Deus, que é atingida através da lógica. De acordo com esta teoria, a lógica do homem pode conhecer Deus diretamente, sem a experiência da Teose³⁵. É o lema bem-conhecido que formou a base para a Teologia de Agostinho, nomeadamente “Credo ut intelligam”; “Eu acredito para que possa compreender”. De acordo com este princípio erróneo, o homem aceita o que quer que seja que esteja escrito na Sagrada Escritura com Fé e depois tenta, usando a sua lógica e sendo ajudado ao longo do caminho pela Filosofia, compreender as coisas reveladas; de facto quanto mais inteligente ele é, melhor ele conhece Deus! ...

O assunto é muito sério porque através deste princípio erróneo entra outra forma de conhecer o Deus Incriado; através da lógica. Mas como (de acordo com o abençoado Agostinho e os Franco-latinos) é que o homem pode chegar a conhecer o Deus Incriado através da sua lógica? Resposta: (supostamente) através dos “arquétipos”! Os Franco-Latinos aceitam o ensinamento Platónico de que as coisas criadas no nosso mundo são ícones dos protótipos transcendidos. Este ensinamento ilusório (plani) de que supostamente estas ideias ou palavras protótipo incriadas são encontradas no “nous” de Deus, e de que os objetos criados no mundo são ícones destas ideias protótipo, este ensinamento, digo eu, constitui a base gnosiológica da chamada Tradição escolástica, teológica, e filosófica dos Franco-latinos. De acordo com este princípio, existe uma analogia entre os objetos criados neste mundo e as (supostamente) espécies protótipo incriadas, que de acordo com os Franco-latinos são identificadas com a Essência Divina. Desta forma, de acordo com eles, se estudarmos os objetos criados com a nossa lógica podemos então, através deles, rastrear a Essência Divina e vir a conhecer (ou assim eles nos dizem) Deus!

³⁴ Mesma fonte. par. p. 135.

³⁵ Existem livros escritos por nós também que foram baseados neste princípio; ex. “Os sábios falam de Deus”! ... E para se perceber quão hediondo o seu conteúdo é, é preciso saber que estes homens “sábios” que dão as suas opiniões sobre Deus são ou Protestantes ou Franco-latinos! ...

O pe. John Romanides escreve no seu livro: “Teologia Dogmática e Simbólica da Igreja Católica Ortodoxa” Volume 1 p.382: **“Ao aceitar os ensinamentos de Platão sobre espécies imutáveis e identificando estas com a Essência Divina, Agostinho estabeleceu a analogia entre Criado e Incriado, baseada na qual ele e os Franco-latinos pesquisariam a essência divina através dos ícones criados no mundo das incriadas espécies protótipo de Deus”**. Sendo que, de acordo com esta ideia ilusória, existe uma semelhança (uma analogia) entre os objetos criados e protótipos, cada coisa criada tem o seu protótipo. O protótipo é a ideia imutável (ou espécies ou mundo) e todo o objeto criado assemelha-se ao seu protótipo com a sua essência, que vive no mundo noético. A alma do homem tem uma analogia com os protótipos, pois é espiritual e imaterial, tal como eles são; então o semelhante reconhece o semelhante. Como tal, através de estudo das cópias dos protótipos no mundo presente, a alma lembra-se dos protótipos.³⁶ Quando a alma é libertada do corpo após a morte, não irá apenas lembrar-se mas terá também um conhecimento direto destes protótipos. De acordo com os Franco-latinos, a iluminação é para alma lidar com estes protótipos! A partir da perspectiva Ortodoxa, nós vemos quão terrível este “plani” (ilusão) é! Para nós, os protótipos de Platão não existem. No Domingo da Ortodoxia nós lemos também uma excomunhão para qualquer um que aceite que os protótipos de Platão existem na realidade.

Nós repetimos: Através do acima mencionado ensinamento ilusório dos Franco-latinos, tendo-o recebido do abençoado Agostinho, é introduzida no Cristianismo ideia de que o Homem somente pela sua lógica pode chegar a conhecer o Deus Incriado, e até a Essência de Deus! ... Como? Estudando as criaturas, penetrando a essência e o conceito do que é criado através do raciocínio humano (logos); em que os objetos criados são (supostamente) cópias dos protótipos eternos. Eles afirmam que estes protótipos eternos coincidem com a essência de Deus. Desta forma, isto é, através do estudo dos objetos deste mundo, nós chegamos a conhecer Deus, a sua própria Essência! Nós repetimos, isto é um terrível “plani” (ilusão), oposta aos ensinamentos dos Pais da nossa Igreja, que ensinam que Deus é conhecido através de oração e pureza de coração, por outras palavras tornando-nos Santos. Orientação, é claro, é necessária na ascese da oração, nesta batalha por “catharsis” (limpeza interior) da alma das paixões; por esta razão para aquele que deseja conhecer Deus, o conhecimento da Sagrada Escritura é necessário, bem como também o são o estudo da vida e dos ensinamentos dos Santos Pais da nossa Igreja.

“Ideal, é claro, de um ponto de vista teológico e espiritual, [aquele desejando erguer-se espiritualmente até á teose] deve procurar um Pai Espiritual genuíno para que seja iniciado nos mistérios da Tradição Ortodoxa através dele e, após ter-se encontrado neste caminho de iniciação, estudar a Santa Bíblia intensivamente e ao mesmo tempo estudar as suas interpretações Patrísticas” (Pe. John Romanides)!

³⁶ E eu digo “lembra-se” dos arquétipos/ protótipos porque, de acordo com esta ideia Platônica ilusória, a alma conheceria estes arquétipos antes de se tornar aprisionada no corpo. No Cristianismo, esta percepção Platônica tomou a forma de conhecimento inato de Deus dentro do homem.